EM BUSCA DE AIMÉ BONPLAND

Luiz Felipe Viel Moreira*
Marcela Cristina Quinteros**

RESUMO: A peregrinação do viajante alemão Avé Lallement ao sul do Brasil a meados da década de 1850, tinha como um de seus objetivos encontrar ainda vivo o companheiro de viagens de seu compatriota Alexander von Humboldt, o botânico francês Aimé Bonpland. Na época, velho e doente, Bonpland morava no interior da província de Corrientes (Argentina) havia alguns anos. O cientista francês tinha acompanhado Humboldt nas suas viagens ao continente americano em inícios do século XIX. Tendo voltado à Europa e após um breve período em Paris, Bonpland fez o caminho inverso ao de Humboldt: enquanto este nunca mais voltou ao Novo Continente, o cientista francês retornou para morar e morrer na América. Enquanto Humboldt decidiu escrever "sobre" a América, Bonpland escolheu viver "nela", participando dos fatos políticos, sociais e econômicos da região. Com este artigo, pretendemos apresentar um dos aspetos menos explorados da vida de Bonpland: o de seu compromisso com as mudanças da América revolucionária e convulsionada da primeira metade do século XIX, em particular, da sua participação nos acontecimentos políticos da região rio-platense.

PALAVRAS-CHAVE: Aimé Bonpland; História Rio-platense; Biografia.

ABSTRACT: The journey of the German Avé Lallement to the south of Brazil, in the middle of 1850 decade, had as one of his objectives: finding alive still his compatriot's travel mate Alexander von Humboldt, the French botanic Aimé Bonpland. In that time, Bonpland was old and ill, and he was living in the interior of Corrientes Province (Argentina) for some years. The French scientist had trAvéled to the American Continent together with Humboldt in the beginning of XIX century. Then, they came back to Europe and, after a few years, Bonpland made the opposite way of Humboldt´s journey: the German scientist stayed in Europe to write "about" America; but his French friend returned to live and to die "in" America, participating in the politic, social and economic facts of region. In this article, we want to present one of less studied aspect of the Bonpland´s life: his compromise with the transformations in the revolutionary and instable America in the

* Doutor em História Social, Professor da UEM (Av. Colombo 5790, Bloco G 34, sala 16). e-mail: lfvmoreira@uem.br.

** Marcela Cristina Quinteros é Mestre em História Social. e-mail: mquinteros66@hotmail.com.

first half of XIX century, especially, his participation in politic facts in South America.

KEYWORDS: Aimé Bonpland; South America History; Biography.

Um dos propósitos no final do percurso do viajante alemão Robert Avé-Lallemant (1812-1884) pelo sul do Brasil no final da década de 1850, era poder encontrar ainda vivo o botânico francês Aimé Bonpland (1773-1858), ex-companheiro do cientista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) nas suas viagens de exploração na América entre 1799 e 1804. Ao longo da extensa descrição da paisagem natural e humana da província do Rio Grande do Sul até chegar à fazenda de Bonpland em Santa Ana, após atravessar o rio Uruguai, Avé-Lallemant apresenta uma riqueza de inúmeros detalhes que, aos poucos, vão apresentando o estilo de vida e a obstinação do velho francês de 85 anos. Na capa do livro "Viagem pelo sul do Brasil", publicado na Alemanha um ano depois de percorrer a região, em 1859, aparece uma gravura da casa da estância de Santa Ana onde morava Bonpland de maneira muito simples no interior da província de Corrientes, perto de Restauración – hoje chamada Paso de los Libres – e que, na época, era uma região de fronteira e fazia parte da Confederação Argentina.

Olhar, observar, descrever, foram as preocupações do viajante alemão em seu relato de viagem. Deste modo, no quarto capítulo, anotou em detalhe tudo aquilo que falava de Bonpland: das pessoas que lhe conheciam e indicaram-lhe como encontra-lo, até do escasso mobiliário e a precariedade em que vivia. Neste caso, para Avé-Lallemant "a palavra casa deve ser tomada em sentido eufemístico" (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 302), para assim designar a moradia de duas cabanas cujas paredes eram de barro, sustentadas por varas de bambu, esburacadas e com rachaduras. A descrição nos dá uma idéia de "amarga penúria" e insuficiência de coisas materiais, ao ponto de só poder oferecer uma faca, um garfo e um prato de estanho para fazer uma refeição de carne assada como única comida. O viajante alemão não conseguiu "abafar um fundo suspiro" (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 303) e resultou-lhe inexplicável que Bonpland não vendesse a estância e, com o produto dessa venda e a pensão de 3000 francos que recebia do governo francês, não vivesse num lugar mais confortável e sem as privações às que se submetia para poder explorar pessoalmente sua fazenda. Na sua obstinação, Aimé não admitia "conselhos nem ajuda".

Avé-Lallemant encontrou Bonpland já velho, doente e sozinho, vindo a falecer poucas semanas depois. Após sua visita à fazenda de Santa Ana, o cientista alemão – que teria gostado de convencer o velho francês a regressar à Europa ou, pelo menos, a ir morar numa cidade de maior porte como o Rio de Janeiro, Montevidéu ou Buenos Aires – sentiu "com ele, muito mais do que ele próprio, que seu tempo passara" (AVE-LALLEMANT, 1980, p. 305). E ainda concluiu:

> Pareceu-me que Bonpland estava comovido quando suas mãos murchas apertaram as minhas na despedida. Poucos dos que tiveram a felicidade de apertar as mãos do grande Alexander von Humboldt em Berlim foram até o Uruguai (sic) visitar o velho Bonpland. Para mim era uma necessidade interior, um dever sagrado: a Estância de Santana, na margem esquerda do Uruguai, era o ponto sudoeste de toda a minha viagem, o objetivo de minha peregrinação. E quem sabe não fora eu o último mensageiro da raça européia, da ciência européia, que avançara muitas milhas para, em si e em nome da ciência, levar ao velho Bonpland estima, amor e cordial amizade. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 306).

Certamente era difícil para um europeu (ainda mais, para um cientista formado em medicina, que viajara para o Brasil sob a proteção de Humboldt e imbuído no idealismo alemão), entender as razões que levaram Aimé Bonpland a abandonar a chamada "civilização" para passar o resto da sua vida no sul da América do Sul e, que é pior aos olhos destes europeus, morar no meio do nada, longe não só do Velho Continente senão também de qualquer centro urbano que pudesse reaproxima-lo das fontes da dita "cultura". O mundo dos "homens de ciência" estava identificado a um espaço geográfico, cultural, político e econômico preciso, onde deveria ser produzido o conhecimento científico. A América era vista só como a matéria prima – virgem – para a produção desse conhecimento. Após a viagem de cinco anos pelo "Novo Continente" (1799-1804), Aimé Bonpland e Alexander von Humboldt emprenderam caminhos diferentes: enquanto Humboldt regressou e permaneceu na Europa escrevendo e publicando os resultados da expedição, Aimé decidiu voltar para América. Enquanto Humboldt colhia o reconhecimento de seu trabalho, a admiração e a fama no mundo inteiro pela sua "reinvenção ideológica da América do Sul" (PRATT, 1999, cap.6), Bonpland não participava de igual sucesso nos pampas.

Aimé Bonpland (Aimé Jacques Alexandre Goujaud) nasceu em La Rochelle, em 29.08.1773 e cresceu numa tradição familiar de médicos e

amantes da botânica. Numa ocasião, observando uma videira, seu pai exclamou "Que boa planta!" (bon plant), apelido que derivou em Bonpland e que tanto pai quanto filho adotaram como sobrenome definitivo (Díaz Piedrahita: 2001). Estudante de medicina em Paris, dedicou-se à sua verdadeira vocação, a botânica, no Jardim de Plantas de Paris. Foi na capital francesa que conheceu Alexander von Humboldt, quem lhe propôs fazer uma expedição científica pela América do Sul. Em 1799, empreenderam a longa viagem, autorizada pelo rei da Espanha, através da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Cuba, México, incluindo também uma visita aos Estados Unidos.

Humboldt ocupou-se de praticamente todos os aspectos científicos da expedição, desde a geografia até a arqueologia. A tarefa de Bonpland era a seleção de plantas e sua classificação. De regresso a Europa, Humboldt começou a escrita e publicação dos resultados das pesquisas nos trinta volumes da obra "Viagem às regiões equinociais no Novo Mundo". Sendo responsável da seção de botânica, Bonpland teve a cargo a escrita dos volumes dedicados às plantas da América, com sua classificação e descrição.

Mas, após voltar à França em 1804, Bonpland não dedicou todo seu tempo a escrever. Gostava mais do trabalho de campo, como botânico e intendente dos jardins da imperatriz Josefina, esposa de Napoleão, trabalho que desenvolveu entre 1808 e 1814. Assim, Humboldt entregou as descrições ao um jovem alemão, Carl Kunth, que a diferença de Bonpland, era um botânico de laboratório. Depois de 22 anos e sem ter viajado ao Novo Mundo, este completou seus estudos sobre as plantas americanas, publicados em "Nova genera et species plantarum", baseado no material coletado e preservado por nosso protagonista (DÍAZ PIEDRAHITA, 2001).

Enquanto Humboldt continuava publicando um volume por ano de sua "Viagem às regiões equinociais no Novo Mundo", construindo um reconhecimento ainda vigente, Bonpland afastou-se paulatinamente dos círculos científicos. Em 1814, começou a amadurecer a idéia de voltar e se radicar definitivamente na América. Sua protetora, a imperatriz Josefina tinha morrido, Napoleão tinha sido derrotado e a dinastia dos Borbons tinha tomado conta da França.

Na América espanhola, vivia-se um período extremamente conturbado. O poderio espanhol estava em franca decadência e a França napoleônica tinha sido favorável à independência das colônias. Os rebeldes americanos se organizaram e, quando o rei espanhol fora detido por Napoleão, cria-

ram as Juntas de Governo que serviram como antecedente das posteriores revoluções independentistas. Com a queda de Bonaparte e o retorno do rei, a monarquia espanhola tentou reconstruir seu antigo poder sobre o território peninsular e americano. Mas os revolucionários se opuseram e começaram os enfrentamentos e a guerra pela independência das colônias. Entre as primeiras cidades a organizar governos autônomos figuram Assunção e Buenos Aires. Cada região teve suas particularidades nesse processo independentista, mas a maioria dos países americanos se declararam independentes da Espanha entre 1810 e 1825. Após as lutas de independência, vieram as guerras internas pela organização nacional e a definição dos territórios de cada país.

Foi neste contexto histórico instável que Bonpland foi incentivado pelo convite do principal líder revolucionário dos domínios espanhóis, Simón Bolívar, a viajar para América. Com os Borbons governando na França e na Espanha, os franceses partidários da emancipação das colônias americanas – entre eles, o próprio Bonpland – viram-se na necessidade de sair do país. Anos mais tarde, numa carta para o médico do generalcordobês José Maria Paz, Aimé explicou porquê mudou de planos e, no lugar de viajar à Venezuela – a terra de Bolívar –, foi para o Rio da Prata:

> Desde el viaje que hice a América meridional con Humboldt he tomado un afecto particular a los americanos. Mi posición en Europa desde 1805 hasta 1814, permitió servir y ayudar a la emancipación de la América española; pero estos pequeños servicios se han dirigido a las provincias de Venezuela y Bogotá porque existían entonces representantes de aquellos países en París (Bolívar, Zea, Palacio). Aguardaba, entonces, en Europa, com impaciencia, terminar la publicación de las obras que me tocaban, pero luego de que Napoleón fuera reemplazado por la familia de los Borbones, traté de ganar el país que a un grado tan alto había fijado mi espíritu. En 1814, 1815 y 1816 hice varios viajes a Londres con el objeto de hacer más frecuentes mis relaciones con Bolívar, y más útiles a América. Entonces conocí particularmente a los señores Belgrano, Sarratea y Rivadavia y la amistad con estos señores junto a los desastres que sufrió el general Libertador en Venezuela, hicieron mudar mis proyectos y gané las aguas del Plata.[1]

Amado, como foi conhecido Bonpland no Rio da Prata, chegou a Buenos Aires no dia 29.01.1817, com sua esposa Adeleine, sua biblioteca,

[1] In: http://www.contenidos.com/estudios-sociales/viajeros/bonpland.htm (17.06.2002).

dois jardineiros e uma quantidade extraordinária de sementes e plantas. Após sua chegada, foi nomeado professor de História Natural das Províncias Unidas do Rio da Prata e dedicou-se a realizar excursões científicas na província de Buenos Aires, na ilha Martín García e no delta do Paraná. Em 1820, foi autorizado a recorrer o Paraná até o Paraguai. Deixando sua esposa em Buenos Aires (que mais tarde voltaria à França), permaneceu oito meses na província de Corrientes. Além de fins científicos, tinha como objetivo fundar una plantação de erva mate. A exploração desta espécie tinha um duplo objetivo: o do conhecimento acadêmico e o do lucro econômico (Boccia Romañach: 1999). O que Bonpland não sabia é que seu interesse na erva-mate o levaria a estabelecer alianças com alguns caudilhos regionais o que, por sua vez, lhe garantiu a inimizade dos rivais desses caudilhos.

Em 1810, tinham tido lugar os primeiros gritos de liberdade na América do Sul. O Paraguai foi a primeira nação a se proclamar independente não só da Espanha, senão de qualquer outro país vizinho. Em Buenos Aires, uma assembléia tinha decidido formar um governo provisório e convidar às províncias que antes tinham pertencido ao Vice-reinado do Rio da Prata, a ser parte dele. O Paraguai não aceitou, declarando sua separação de Buenos Aires.

Desde 1810 até 1820, as autodenominadas Províncias Unidas do Rio da Prata tiveram que enfrentar seu maior inimigo: a Espanha. Após atingir a tão desejada independência, as províncias entraram num longo período de crise, entre 1820-1853, de guerras cíveis entre elas e seus respectivos caudilhos, atravessando tanto fases de divisão quanto de alianças e união. Em geral, a grande vencedora sempre foi a província de Buenos Aires, que controlava o porto de entrada e saída dos produtos comercializados para e desde o interior. O poder de Buenos Aires residia no controle e apropriação dos impostos da alfândega e na proibição da livre navegação dos rios Paraná e Uruguai. Isto prejudicou notavelmente as regiões do interior da Argentina e o Paraguai. A única área que escapou à manipulação portenha foi o Uruguai por ter uma comunicação direta com o resto do mundo, se separando também de Buenos Aires, mas não sem conflitos com o Rio da Prata e com o Império do Brasil que disputaram a hegemonia sobre a Banda Oriental.

O francês Aimé entrou na cena rio-platense neste difícil contexto político. Seu entusiasmo em se dedicar à exploração da erva-mate tomou força após a proposta do governador da província de Entre Ríos, Francisco Ramírez (1786-1821), de se radicar na mesopotâmia argentina. Mas

Ramírez foi um dos primeiros caudilhos a ser derrotado e morto nessa sucessão sem fim de lutas interprovinciais, com o que Bonpland perdeu um de seus primeiros apoios políticos na região, se envolvendo indiretamente nos conflitos internos. Por um breve período, Entre Ríos converteu-se numa "república" sob o governo de Ramírez. Mas depois da derrota para os caudilhos López e Bustos, líderes das províncias interioranas de Santa Fe e Córdoba, este foi assassinado.

Na medida em que Bonpland avançava para o nordeste, ia entrando nesse interior contraditório, às vezes inimigo de Buenos Aires, às vezes seu aliado. Bonpland era visto como amigo dos governos portenhos, responsáveis de sua permanência no Rio da Prata, e era associado ao efêmero e derrotado governo de Ramírez. Por sua parte, Aimé não escondia seu interesse em comprar terras para o cultivo da erva-mate, o que lhe trouxe a desconfiança do governo paraguaio que considerava a produção desta espécie seu monopólio.

Estando já na província de Corrientes, Bonpland visitou as vilas indígenas administradas pelos jesuítas até 1767, quando da sua expulsão por parte da Coroa espanhola. A região era zona de fronteira com o Paraguai e o Brasil, de limites imprecisos e freqüentes disputas. O atual território da província de Misiones era ocupado e administrado pelo governo de Corrientes; no entanto, o Paraguai o reclamava como próprio, ao mesmo tempo que o Brasil não reconhecia a soberania destas recém criadas nações sobre a região das Missóes. Ali, Aimé conheceu ao Capitão índio Nicolás Aripí, quem tinha comandado tropas do caudilho uruguaio Artigas, tropas estas integradas por índios. Gervasio Artigas (1764-1850) foi responsável de boa parte do processo revolucionário no Uruguai, sendo firme em seus princípios de respeito da autonomia diante da pressão de seus vizinhos rioplatenses e brasileiros. Numa das entradas das forças lusitanas, Artigas foi derrotado em 1820 e asilou-se no Paraguai até sua morte em 1850. Então, as forças de Aripí dispersaram-se pelas misiones.

Com a ajuda de Aripí e o que restava de suas tropas, Amado recorreu as missões. Encantado com a região, decidiu se assentar ali para criar sua fazenda, apesar das advertências da "ameaça paraguaia" e dos conflitos entre os caudilhos. Bonpland também vinculou-se à elite política correntina, principalmente com Pedro Ferré (1788-1867). Este foi governador da província e um dos principais lutadores a favor da livre navegação dos rios Paraná e Uruguai, como também defensor de um protecionismo comercial para evitar a concorrência de mercadorias inglesas com as locais. Ferré

enfrentou-se com quem foi governador da província de Buenos Aires entre 1829 e 1852, o rico fazendeiro Juan Manuel de Rosas (1793-1877). Este, além de governar ditatorialmente sua província, impôs a hegemonia portenha sobre o resto das províncias do interior, mantendo o livre comércio e o controle sobre o porto e a alfândega de Buenos Aires. Esta inimizade obrigou a Ferré a abandonar o país, para só voltar após a queda de Rosas em 1852.

A amizade com o governador Ferré, antes de seu exílio, serviu a Bonpland para conhecer e se integrar à sociedade correntina, bem como para manter sua fazenda de erva-mate (GASULLA, 1978). Entretanto, Aimé tinha como objetivo visitar o Paraguai para continuar seus estudos sobre a erva-mate. Mas, como estrangeiro e tendo se aliado com o índio Aripí e com Ferré, inimigos do Paraguai, nunca obteve resposta do Supremo Ditador José Gaspar Rodríguez de Francia (1766-1840), que governou o país mediterrâneo desde 1814 até sua morte, sob uma política de total isolamento do Paraguai em relação ao resto do mundo[2]. Por outra parte, Bonpland já tinha começado a comercializar sua produção de erva-mate, desrespeitando as proibições do Paraguai neste sentido, num território e numa época em que as fronteiras estavam muito mal definidas e em permanente deslocamento segundo o maior ou menor poder dos caudilhos locais.

Em 08.12.1821, quatrocentos homens que respondiam ao Ditador Rodríguez de Francia, destruíram a plantação que Bonpland tinha em Santa Ana, levando-o detido ao Paraguai, onde permaneceu nove anos confinado na desaparecida vila El Cerrito. O Supremo Ditador, como Francia gostava ser chamado, tinha isolado o Paraguai de qualquer tipo de contato com o exterior, exercendo um poder absoluto. Essa tirania acabou desarticulando a economia e a sociedade paraguaias. E a questão da soberania continuou pendente após a morte do Ditador. Francia reclamava as missões como território paraguaio, ao mesmo tempo em que necessitava do reconhecimento internacional da separação de seu país tanto da Espanha como do Rio da Prata.

Neste contexto, os estrangeiros eram suspeitos de espiões ou de ter falsas intenções. Sob credenciais de diplomatas ou comerciantes, os euro-

[2] O título de Supremo Ditador foi auto-proclamado pelo próprio Francia, quem assinou os documentos oficiais de maneira diferentes ao longo de seu governo (Rodríguez, Rodríguez Francia, Francia etc.). Para um estudo mais detalhado sobre as características do governo de Francia, ver: RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideología Autoritaria.* Asunción: Servilibro, 2007.

peus eram vistos pelos olhos do ditador como agentes do imperialismo comercial inglês ou francês, ou bem como emissários dos governos portenhos. Muitos franceses foram detidos, mas o caso de Bonpland foi o mais relevante e prolongado por sua transcendência como cientista. O ditador Francia esperava pressionar à França para que reconhecesse a autonomia do Estado paraguaio através do confinamento de Aimé. Sob a desculpa de Bonpland ter invadido território paraguaio, de ser espião da França e de tentar roubar a principal fonte de riqueza do Paraguai, ao expandir o cultivo da erva-mate em outras regiões, o naturalista foi tomado refém.

No seu longo confinamento, Bonpland continuou com suas explorações e desenvolveu sua profissão como médico, chegando a criar um pequeno hospital, com assistentes capacitados por ele mesmo. El Cerrito era um lugar pequeno e povoado por índios. Aimé foi chamado "Carai Arandu", "homem sábio" na língua guarani. As boas relações com os habitantes do lugar explicam o casamento de Aimé com a filha do cacique Guachiré, Maria, com quem teve dois filhos. Durante sua detenção, dedicou-se também à pecuária, à agricultura e à industrialização de diversos produtos. Mas, ao mesmo tempo, aproveitou as circunstâncias para incorporar os conhecimentos da medicina indígena, em particular, para a produção de medicamentos (BOCCIA ROMAÑACH, 1999).

Apesar da vigilância permanente de suas atividades e da falta de comunicação com o resto do mundo, a vida de Bonpland transcorria numa relativa calma que lhe permitia trabalhar, transitar a região e ter a sua família. Esta era a política do ditador Francia: mostrar seu poder absoluto, sem nenhum tipo de pressão interna ou exterior, enquanto era ele quem decidia quando arrestar as pessoas, ordenar seu fuzilamento, permitir sua permanência no Paraguai –como foi o caso de Bonpland e de Artigas –, ou até decidir sua expulsão. O uso deste poder é muito bem narrado na obra "Yo el Supremo", de Augusto Roa Bastos (1985).

Para os europeus e os principais líderes americanos, a situação provocada por Francia com a detenção de Bonpland, era absurda. Quando Bolívar pediu-lhe, em 1823, a rápida libertação de seu amigo francês, ameaçou invadir o Paraguai se assim não fosse feito. A pesar do compromisso de Bolívar de receber Bonpland e sua família na Grande Colômbia, Francia negou o pedido com toda soberbia (CARRERA DAMAS, 1993). Bolívar não foi o único em solicitar a saída do naturalista, mas todos os esforços nunca tiveram resposta por parte do ditador (BOCCIA ROMAÑACH, 1999).

Considerando que quase nove anos de detenção tinham servido como escarmento suficiente, em 10.05.1829, Francia resolveu pela libertação de Bonpland, a que concretaria-se um ano mais tarde. Ao ter que abandonar o país, Bonpland vendeu seus bens, deixando sua família paraguaia que fora impedida de acompanhá-lo. O botânico decidiu permanecer na região das missões, se estabelecendo numa fazenda em São Borja, no sul do Brasil. Pertence a Aimé a famosa frase "Como se percebe que já não estamos nos domínios do Supremo!", pronunciada ao atravessar Corrientes e após terem sido roubados seus cavalos, em clara referência à "ordem" imposta sob a tirania de Rodríguez de Francia e a "anarquia" reinante nas províncias rio-platenses.

Em São Borja, onde morou durante seis anos, manteve uma fluida correspondência com seus amigos europeus e latino-americanos, principalmente com Humboldt e com dois adversários do governador de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas: um era o governador de Corrientes, Pedro Ferré, e o outro era o presidente do Uruguai, Fructuoso Rivera (1788-1854). O enfrentamento entre Rivera e Rosas (que apoiava o opositor de Rivera, Manuel Oribe) provocou diversas batalhas entre a Banda Oriental e Buenos Aires, até que Rivera refugiu-se no Brasil para só voltar pouco antes de sua morte e depois de Rosas ter sido derrotado em 1852, pela ampla coligação de forças liderada pelo entrerriano Justo José de Urquiza (1801-1870). As relações de Bonpland com o mundo político e comercial do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina foram aprofundadas nas suas freqüentes viagens por estas regiões, na mesma dimensão que se lhe iam tecendo inimizades perigosas, dada a continuidade das rivalidades entre os caudilhos regionais. Como se não bastasse ser amigo dos inimigos de Rosas, Bonpland declarou-se abertamente contrário de quem já controlava, nas décadas de 1830 e 1840, a política rio-platense.

Com 68 anos, numa dessas viagens pelo rio Uruguai, quando prestava seus serviços numa colônia de leprosos, conheceu a Victoriana Cristaldo, 30 anos, com quem casou-se e teve três filhos. Não entanto, Victoriana não suportou as conseqüências das sucessivas e malogradas alianças políticas de Bonpland. Amigo do caudilho riograndense Bento Gonçalves e do italiano Giuseppe Garibaldi, foi a favor da Revolta dos Farrapos (1835-1845). Com a derrota do movimento separatista, a fazenda de Bonpland em São Borja foi invadida e destruída pelas forças imperiais. Em conseqüência, o naturalista teve que dar por encerrada sua estadia no Brasil.

Nessa situação, Bonpland escreveu a Humboldt para mediar na recuperação dos 17 anos de salários da pensão outorgada pelo governo francês, e interrompida como conseqüência de sua prolongada ausência. Bem sucedido o trâmite, com o acumulado recebido comprou uma fazenda de 16.000 hectares na província de Corrientes, ao sul de Paso de los Libres. A esposa de Bonpland exigia um lugar mais seguro, mas a estância de Santa Ana estava localizada numa encruzilhada, lugar de encontros dos conflitos entre Argentina, Uruguai e Brasil. Após alguns anos acompanhando o velho cientista, Victoriana o abandonou à procura de um lugar mais seguro para os três filhos que teve junto a Aimé (BOCCIA ROMAÑACH, 2001).

Bonpland continuou participando nos problemas políticos da região. Tanto os enfrentamentos entre as províncias de Corrientes e Entre Rios quanto as lutas entre os dois partidos uruguaios (brancos e colorados liderados respectivamente por Rivera e Oribe), com a intervenção de Rosas, da frota francesa e a pressão brasileira no conflito, tinham lugar muito perto de sua fazenda. A sucessão de batalhas, roubos e invasões levou à progressiva diminuição do capital do naturalista. Para a época, a questão da navegação dos rios Uruguai e Paraná continuava sem se resolver, sendo o alvo da disputa entre as regiões rio-platenses e as potências européias interessadas na região. Bonpland comprometeu-se a representar o governador Ferré diante da frota francesa, para que esta ajudasse o interior contra Buenos Aires. Apesar do compromisso francês, a diplomacia francesa acabou assinando acordos com Rosas que punham fim aos bloqueios navais e que lhe outorgavam o privilégio de nação comercial mais favorecida, em pé de igualdade com a Inglaterra. O conflito durou estendeu ao longo da década de 1840, nos quais Bonpland percorreu a região à procura das alianças antirosistas. Estas alianças se teciam além das movediças e duvidosas fronteiras nacionais. Com a paz entre a Armada francesa e Rosas, os planos dos antirosistas tiveram que esperar alguns anos para ver cair o caudilho portenho. Entretanto, os opositores do governador e fazendeiro bonaerense tiveram que sair da Argentina ou se cuidar das represálias. Porém, Bonpland permaneceu na região e manteve contacto com as principais lideranças regionais[3].

[3] O conflito entre o Brasil, o Uruguai e a Confederação Argentina era de longa data; mas, na década de 1840 contou com a participação das armadas inglesas e francesas que bloquearam o porto de Buenos Aires. A presença econômica da Inglaterra no Brasil quanto na América espanhola era evidente. O império do Brasil manteve esta aliança ao mesmo tempo em que tentou manter a união territorial. Mas, a monarquia viu-se diante de diversas manifestações de descontentamento, sendo a mais prolongada e conflituosa o movimento separatista [continua]

Conhecer a trajetória de vida de Bonpland após sua chegada a Buenos Aires em 1817, nos permite conhecer, mais que o botânico, a um Bonpland que participou na política local, apoiando líderes e caudilhos regionais que, mais cedo ou mais tarde, foram derrotados por seus adversários. A amizade e a sucessão de alianças com o entrerriano Francisco Ramírez, com o índio Nicolás Aripí, com o correntino Pedro Ferré, com o gaúcho Bento Gonçalves e o italiano Giuseppe Garibaldi, com o oriental Fructuoso Rivera e outros (como os generais Lavalle e Paz, também inimigos de Rosas), provocaram duas grandes conseqüências na vida do naturalista: uma, na vida privada, foi a separação das famílias que formou em cada lugar (francesa, paraguaia e argentina) como a progressiva perda de seus bens materiais.

[continuação]

farroupilha (1835-1845), em Rio Grande do Sul. A província sulista tinha mais laços identitários com o Rio da Prata que com o resto do Império. O trânsito dos fazendeiros e caudilhos gaúchos, tanto riograndenses quanto uruguaios e argentinos, era permanente nessa região do Prata. Por tanto, esses laços identitários eram mútuos e as contínuas alianças inter-regionais eram moeda-corrente. Por isso, durante a Grande Guerra no Uruguai que enfrentou brancos e colorados, a participação de atores riograndenses e argentinos foi direta, ao igual que das duas potências européias: a Inglaterra e a França. O colorado Rivera tinha o apoio dos anti-rosistas argentinos, dos farrapos riograndenses, da armada francesa e da Inglaterra. O branco Oribe contava com a ajuda de Rosas e, por tanto, da Confederação argentina que governava hegemonicamente o Rio da Prata.

A Inglaterra era tratada como a nação mais favorecida pelas nações rio-platenses. E a França pretendia as mesmas condições comerciais. Com a negativa de Rosas a esta e outras pretensões da França, a diplomacia francesa acionou a reação da armada francesa que bloqueou o porto de Buenos Aires entre 1838 e 1840. Durante o bloqueio, os franceses apoiaram aos inimigos de seu inimigo: Rivera e os argentinos exilados no Uruguai. Rosas resistiu o bloqueio, mas Rivera, com o apoio francês, declarou a guerra ao caudilho portenho. A província argentina de Corrientes somou-se a Rivera contra Rosas, quem junto a Oribe, conseguiu derrotar seus inimigos, fortalecendo o centralismo bonaerense. A França levantou o bloqueio após obter um tratado pelo que seria considerada nação mais favorecida nas relações comerciais e a garantia de que a independência do Uruguai seria respeitada pela Argentina. Em troca, a França retirou seu apoio a Rivera e aos opositores de Rosas.

Porém, as oposições Rivera/Oribe e anti-rosistas/rosistas, e suas respectivas alianças, continuaram na década de 1840. Em 1842, formou-se a liga anti-rosista entre Rivera e as províncias argentinas de Corrientes, Entre Rios e Santa Fe. Mas, Oribe derrotou Rivera, avançando sobre o território uruguaio em direção à recuperação de Montevidéu. A capital uruguaia foi fortemente defendida por Rivera e seus aliados argentinos, mas a França e a Inglaterra não aceitaram esta situação que lhes impedia comerciar com a Banda Oriental. Em 1845, representantes diplomáticos de ambas as nações tentaram negociar o fim das hostilidades, sem sucesso. A medida de força adotada foi a imposição do bloqueio anglo-francês a Buenos Aires. Durante o bloqueio, os navios europeus entraram nos rios internos do Rio da Prata colocando em evidência a sua superioridade naval. Ainda assim, Rosas resistiu novamente a pressão até assinar a Convenção Southern-Arana, em 1848, pela que Inglaterra reconhecia a soberania argentina nos rios internos e retirava sua participação no bloqueio. Por sua parte, a França adotou a mesma atitude, assinando a Convenção Lê Predour-Arana, no ano seguinte. Foi neste contexto que movimentou-se Bonpland a favor dos anti-rosistas e seus aliados, fazendo de interlocutor diante da Armada Francesa.

Outra, foi essa sucessão de alianças com caudilhos e movimentos políticos derrotados. Evidentemente, a estratégia de Bonpland de se vincular a líderes americanos morando na América não teve sucesso. A escolha do pesquisador francês o levou a continuar realizando trabalho de campo, ao contrário de seu amigo Alexander von Humboldt, mais interessado na redação e publicação dos resultados da expedição que juntos tinham empreendido. Assim, a vida de Amado Bonpland foi mais agitada, imprevisível e com um final muito distante do destino bem sucedido de seu amigo alemão.

Empobrecido, velho e na solidão, Bonpland continuou viajando pela mesopotâmia e, fundamentalmente, a Montevidéu, onde recebia a aposentadoria paga pelo governo francês. Aimé sobreviveu à morte do Supremo Ditador José Gaspar de Francia, o que lhe permitiu voltar ao Paraguai num navio francês e convidado por seu novo presidente, Carlos Antonio López. Também teve a íntima satisfação de testemunhar a queda de Rosas e seu posterior exílio na Inglaterra. Ainda vivo, recebeu várias homenagens: em 1854, foi nomeado diretor do Museu de Corrientes pelo governador Juan Pujol; em 1856, obteve a medalha da Cruz da Aguila Vermelha do rei da Prúsia; em 1857, foi declarado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Berlin e apareceu uma revista científica com seu nome, Bonplandia; e, em 1858 – poucos meses antes de morrer – foi declarado membro da Academia de Paris.

Apesar da idade avançada, Bonpland continuou com suas expedições, morrendo numa delas em 11.05.1858, aos 85 anos, perto de sua fazenda, quando viajava numa canoa. E outras homenagens vieram após sua morte. O lugar onde morreu, Santa Ana (Corrientes), hoje se chama Bonpland. A Venezuela o homenageou batizando um pico dos Andes venezuelanos com seu nome, junto a outros dois de nomes Bolívar e Humboldt. Em certa forma, estes três picos representam o panteão dos heróis sul-americanos: o grande libertador, Bolívar, está no cume mais alto da Venezuela (5.007m); o grande re-descobridor ou re-inventor da América, Humboldt, ocupa o segundo lugar em importância (4.942m); e o nome de Bonplant foi designado ao terceiro mais alto (4.883m). A nomenclatura de ruas e cidades é enormemente rica em alusões a Bonpland ao longo de toda a América do Sul.

Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland tiveram vidas paralelas após a histórica expedição pela América do sul. Humboldt dedicou-se à escrita e à "re-invenção" do "Novo Mundo" como ele mesmo gostava de chamar a América, apesar de terem passado três séculos desde seu "desco-

brimento" por Colombo. Esse "re-descobrimento" da América por Humboldt serviu como a base ideológica de exploração econômica da Europa sobre a América Latina (Pratt: 1999). Para Humboldt, a América era um grande paraíso, era a natureza virgem, o espaço real e simbólico que esperava os meios e os capitais para extrair as riquezas de seu solo. Esta premissa ideológica foi o que garantiu ao cientista alemão o reconhecimento do meio acadêmico e a fama no mundo empresarial. Humboldt tinha escolhido a opção de permanecer na Europa, para discursar sobre o Novo Mundo, sendo considerado o espaço geográfico onde a "civilização" poderia se realizar e evoluir, atingindo os diferentes níveis de realização do espírito, segundo era entendido pelo idealismo alemão, principalmente por Hegel.

Já Bonpland escolheu o caminho inverso, ou paralelo. Sua paixão por este continente enxergado como exuberante, rico e virgem o levou a regressar e permanecer nele até sua morte. Mas esta escolha aparentemente idílica foi também uma opção política. Enquanto Humboldt re-inventava a América no Velho Mundo, Bonpland achou mais conveniente se inserir na sociedade latino-americana, renovada após os movimentos revolucionários de inícios do século XIX. Para Bonpland, o novo não estava no discurso, na escrita "sobre" a América, senão na ação "na" América. Daí sua estratégia de se aliar às novas elites crioulas que surgiam, se enfrentavam, consolidavam e morriam nesse novo contexto político de formação das nações latino-americanas. Talvez o olhar de Bonpland fosse um tanto utópico ao não dimensionar as divisões destas elites, como suas lutas para impor o poder hegemônico de umas sobre outras. Bonpland participou neste universo de rivalidades, mas geralmente do lado daqueles que foram derrotados. Isso traduziu-se não só em solidão e empobrecimento material, senão também na não transcendência política de Aimé, que era uma de suas ambições não declaradas. Enquanto a trajetória de Humboldt é recuperada até hoje não só por seus estudos acadêmicos senão também pela transcendência econômica e políticas destes, Bonpland só é lembrado como um dos principais botânicos de sua época, caindo no esquecimento total sua ativa participação política na América do Sul.

[4] Existem distintas versões sobre o acontecido com o corpo de Bonpland. Além da aqui exposta no texto, se diz que o corpo foi deixado ao ar livre para acelerar o processo de embalsamamento e, que nessa situação, o bêbado cumprimentou e, posteriormente, esfaqueou o corpo do médico e botânico francês.

Daí a incompreensão de Avé-Lallemant diante do velho e pobre Bonpland: como alguém que teve a possibilidade de permanecer escrevendo na Europa, junto ao grande Humboldt, decidiu voltar à América dita selvagem e caótica, longe do centro acadêmico, econômico e político que dera origem às profundas mudanças do século XIX? Para o viajante alemão, "último mensageiro da raça e da ciência européias" nos confins do mundo, Bonpland era um "monumento". A pesar disso, teria incorrido em um grande erro: ter esquecido que o desabrochar do "espírito" só podia ocorrer junto à civilização européia.

Ironicamente, o nosso protagonista confrontou-se com situações adversas até mesmo no dia de sua morte. O governador de Corrientes, Juan Pujol, decidiu embalsamar o corpo do amigo francês para levá-lo e mantê-lo na capital da província. Quando a operação ia acontecer, um gaúcho ébrio entrou na sala e cumprimentou o botânico. Ao não obter resposta se irritou e passou a esfaquear os restos do sábio, o que veio a impossibilitar o embalsamamento do corpo.[4] Por esta razão, Aimé Bonpland foi sepultado no cemitério de Paso de los Libres, perto de sua fazenda, onde ainda se encontram seus restos.

Recebido em 13/09/2008
Aceito em 17/10/2008

REFERÊNCIAS

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp; 1980.

BOCCIA ROMAÑACH, Alfredo. *Amado Bonpland. Caraí Arandú*. Asunción: El Lector, 1999.

_____. *El polifacético Aimé Bompland*. 2001. Disponível em: http://www.fundacionazara.org.ar/ Artic/Tecnicos/Biografia_bonpland.htm. Acesso em: 3 nov. 2008.

CARDOZO, Efraím. *Breve Historia del Paraguay*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

CARRERA DAMAS, Germán (comp.). *Simón Bolívar*. fundamental. Caracas: Monte Avila, 1993. 2 volumes.

DÍAZ PIEDRAHITA, Santiago. Bonpland, Kunth y la botánica en el viaje de Humboldt. In: *Revista Credencial Historia*, Bogotá, n. 134, fev. 2001.

GASULLA, Luis. *El solitario de Santa Ana*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1978.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia Argentina*. Buenos Aires: Paidós, 1995. 7 volumes.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROA BASTOS, Augusto. *Yo el Supremo*. Madrid: Alfaguara, 1985.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideología Autoritaria*. Asunción: Servilibro, 2007.